

Kierkegaard: A Suspensão Ética e a Imparidade do Indivíduo

Marcio de Lima PACHECO¹

Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar em *Temor e Tremor*, obra de Kierkegaard, como se dá a Suspensão ética e a imparidade do Indivíduo. Para tanto, será necessário explicar os três estádios da existência, dialogando com os pseudônimos kierkegarianos, a fim de compreendermos porque, no escândalo, Abraão se faz cavaleiro da fé e não herói trágico.

Palavras Chave: Temor e Tremor, Kierkegaard, Suspensão Ética, Estádios da Existência, imparidade do indivíduo.

¹ Doutorando em Filosofia na PUCSP. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia.

Sören Aabye Kierkegaard pertence à metade do século XIX. Nascido a 5 de maio de 1813. Último de sete filhos. Razão, esta, que afirmava ser filho da velhice e não de um velho.

No ano de seu nascimento, no Estado da Dinamarca, aconteceu a bancarrota, por causa da guerra com os britânicos, levando, assim, muitas famílias à ruína. Mas o País se refez rapidamente da quebra econômica e tornou-se uma nação muito próspera, com poucos problemas significativos.

Pode-se dizer que os cidadãos dinamarqueses se acomodaram a certo conforto pós- crise: segurança econômica, bem-estar, um tipo de senso comum, falta de paixão pelo grandioso e a uma espiritualidade banal.

Durante o período de guerra, o pai de Kierkegaard investiu em títulos reais e a família livrou-se da desgraça nacional.

O pai, Michael Perdensen, luterano e melancólico, deu uma educação extremamente religiosa aos filhos. Kierkegaard e seu pai nunca tiveram uma vida apaziguada: primeiro pela violação de sua mãe (Anne Sörensdatter), enquanto empregada da casa, quando ainda a primeira esposa (Kirstine Royen) era viva. Segundo, pela blasfêmia que seu pai proferiu, quando criança e pastor de ovelhas, por passar fome e frio nas terras do seu tio.

Um fato interessante é que Sören, em seus escritos, saturados de alusões a sua vida, nunca faz referência à sua mãe, se bem que a amou muito e sentiu dor de sua morte em 1834.

Em seu ensaio autobiográfico, *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* assinala três acontecimentos importantes na sua vida: Sua formação nas mãos do seu pai, seu rompimento do noivado em 1841 com Regina Olsen, seu choque com a imprensa e sua aberta luta contra a Igreja dinamarquesa. Todos esses fatos podem explicar a melancolia que envolvia o filósofo dinamarquês.

Seu pensamento filosófico é marcado pelo debate entre hegelianos e anti-hegelianos. Kierkegaard adotou um tom anti-hegeliano, em contraposição aos seus contemporâneos: Mynster, Martensen, Heidelberg e Rasmus Nielsen.

O pensador dinamarquês viveu em uma época em que o Indivíduo é desvalorizado em detrimento do geral. O Indivíduo, assim, se perde na generalidade da massa. O pensamento hegeliano considera tudo como abstrato, cai em uma falta de comprometimento, em um querer isentar-se das responsabilidades pessoais perante a própria vida. De forma que querer captar a realidade nesse patamar de pensamento é resolvê-la como mera possibilidade. Tem-se, então, uma realidade pensada que é mero conceito e idealidade. O pensamento só concebe o real em forma de possibilidade, da qual não pode passar à realidade concreta.

Ao longo de sua vasta obra, Kierkegaard, amontou oposições ao sistema de Hegel. A oposição se acentua no campo ético e religioso-cristão, que segundo o Dinamarquês, foi desnaturalizado e destruído pelo hegelianismo. O interesse primário de Sören é salvar o abismo imenso da diferença qualitativa entre Deus e homem, se a qual cai abolida toda relação religiosa e toda ética, como aparece na confusão da filosofia moderna.

O texto mais importante para refletirmos sobre isto é *Temor e tremor*, no qual faz uma análise do sacrifício de Abraão. Nessa obra, Kierkegaard observa que o ato do sacrifício é um desejo de Deus, entretanto, para os homens, uma ação imoral. Temos, dessa maneira, um dilema: ou Abraão sacrifica Isaac, sendo conseqüentemente julgado como assassino e perdendo também tudo o que ele mais ama (seu filho), ou Abraão não sacrifica Isaac, mostrando que Abraão não tem fé. Além disto, salvando Isaac, Abraão perderá sua relação com Deus.

O texto é escrito por Johannes de Silentio, pseudônimo utilizado por Sören, para indicar a atmosfera precisa em que se desenvolverá o texto, ou seja, em uma comunicação indireta e no silêncio. É bastante visíveis esses pontos a partir do prólogo com a citação de Hamann sobre Tarquínio Soberbo.

A obra está dividida em três partes: Atmosfera (prefácio), Elogio a Abraão e Problemata. É bastante claro que a obra como todo é dirigida contra a teologia hegeliana de Martensen.

O objetivo de nosso de nosso texto é mostrar como se dar a suspensão ética e como o indivíduo é impar em relação neste mundo, fazendo que ele esteja além do esteta e do ético.

Para se alcançar tal empresa explicaremos os Estádios de Existências: Estético, Ético e Religioso. Como não se podemos explicar os estádios sem fazer referência a outros textos do *Corpus Kierkegariano*. Tentaremos, assim, dialogar com seus diversos pseudônimos, até chegar à compreensão do que seja a suspensão ética no cavaleiro da fé dentro de *Temor e Tremor*.

1 Os estádios da existência

A teoria dos três estádios obteve grande difusão e influência na época de Kierkegaard. É considerada, muitas vezes, a mais original contribuição do pensador à filosofia. Essa teoria foi elaborada em suas primeiras obras, chamadas *Obras estéticas*² que tiveram grande aceitação em eu país e deram-lhe grande fama literária.

Os estádios da existência ou etapas no caminho da vida são os determinantes existenciais dos modos de vida geral que servem como esquema ou princípios antagônicos, com os quais Indivíduo³ concreto se confronta em busca de uma plena posse de si⁴.

² As primeiras obras forma o ciclo de escritos estéticos e compreendem a parte mais extensa da obra desse filósofo: *Enten-Enter* ou *Aut-Aut* 1843 (traduzida para o português como *A Alternativa* ou *Ou-Ou*. Adoraremos o título da tradução da Editora Gallimard, *Ou bien...Ou bien*). O primeiro volume tem como editor Victor Eremita e contem oito novelas estéticas, a mais conhecida é o *Diário do Sedutor*. O segundo ocupam dois grandes tratados do juiz Guilherme com o ensaio *In vino veritas*, como uma espécie de banquete platônico. Seguem-se os ensaios *Temor e Tremor* (Johannes de Silentio, 1843), *A repetição* (Constantino Constantius, 1843), *O Conceito de Angústia* (Virgílio Haufniensis, 1844) e *Os estádios sobre o caminho da vida* (Hilário Bogbinder, 1845). Nessa última obra se inclui o trabalho *Culpável? Não Culpável?* (Frater Taciturno, 1845).

³ “A palavra *indivíduo* possui duas origens: em grego, se diz *atomon* e, na língua latina, *individuum*. Em ambos os idiomas, o significado aproxima-se de algo que possui uma unidade originária e singular” (PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e Comunidade na Filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 39). Podemos ainda dizer que: “O autor dinamarquês enfatiza o indivíduo e sua subjetividade em

Os três modos fundamentais da vida humana são: estágio estético, ético e religioso. Em princípio, Kierkegaard usou o termo de estágio ou esfera para significar qualquer campo de atividade, como os interesses políticos ou militares. Pouco a pouco reservou estes termos para designar os compromissos fundamentais e ideais organizadores de nossa existência. As distintas etapas se distinguem entre si porque pedem uma adesão plena e, cada uma, exige ser absoluta em nossas vidas.

Podemos refletir sobre estes modos de existências contraditórias, mas não podemos vivê-los ao mesmo tempo. Requer-se uma decisão livre ou salto⁵ qualitativo para passar de uma a outra etapa. Cada esfera encarna em forma concreta um modo total de vida. Há uma hierarquia de plenitude existencial, que vai da vida estética à ética, até chegar à religiosa.

Neste sentido, são três as etapas na marcha do homem rumo à perfeição. Uma vez realizado o salto, ao modo de viver superior, a esfera de existência inferior não desaparece totalmente, por que há inclinações e necessidades estéticas e éticas em todo ser humano que não pode apagar-se. Kierkegaard não se opõe em admitir que um modo de existência ética possa apropriar-se de valores estéticos, ou que uma pessoa religiosa possa incorporar todo conteúdo da esfera ética; assim, os valores estéticos podem redimissem e sobreviver ao salto da fé.

meio a uma sociedade de massas" (PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e Comunidade na Filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 33). Em dinamarquês *en Enkelt* quer dizer o indivíduo, o único, o singular, se diz, que traduzido para o idioma inglês é sinônimo de *single* - singular.

⁴ Johannes Climacus (homem não cristão, mas que acreditava ter uma melhor compreensão do que fosse o cristianismo. É um desmascarador da teologia e da filosofia especulativa. Pode-se dizer que é uma ponte entre o estágio ético para o religioso) coloca que "para o existente, existir é o supremo interesse, e o supremo interesse é a realidade" (KIERKEGAARD. Sören. *Post-scriptum aux Miettes philosophiques*, Paris, Gallimard, « Tel », 1977, p.297). De forma que, a existência é o próprio modo de ser do homem. E se essa é modo de ser logo, é também eleição do seu modo de existir. Eleição essa que é um *devenir*, ou seja, um fazer-se durante a vida.

⁵ Dependendo da situação Kierkegaard utiliza: *salto, intervalo e abismo*. No *Temor e Tremor*, Johannes de Silentio "desenvolve concepção kierkegariana de salto qualitativo sobre se lançar, em grande parte, a posição original de Kierkegaard em relação à filosofia e em relação ao cristianismo" (POLITIS, Hélène, *Le vocabulaire de Kierkegaard*, Paris: Ed. Ellipses, 2002, p.50). Mas, no *Post Scriptum*, 1977, p. 116, sob o termo de *intervalo* define a existência como o que é impossível ser absolvida pelo pensamento imanente hegeliano. Desta forma, a existência é um intervalo entre pensamento e o ser, ou seja, o vir a ser da liberdade enquanto possibilidade que se concretiza em um ato de liberdade, é uma ação que *produz* o próprio existente. Esse salto, intervalo ou abismo vai de encontro a categoria hegeliana de mediação, invalidando, assim, a relação de sujeito/objeto.

1.1 O estádio estético

A vida estética é a de quem se entrega ao hedonismo e ao gozo dos sentidos. É a vida do romântico, que não admite nenhum julgo, que dissolve toda realidade em possibilidade e obedece só aos imperativos do prazer, tendo sem cessar novos desejos. O esteta é pura espontaneidade, a vida é sensação, sobre tudo na linha do prazer sensual e do erotismo, ou reflexão em torno desta vida, encerrada no ideal do prazer sensível e os valores da finitude e temporalidade. A vida do esteta é toda dispersão, um correr de um gozo a outro, um querer pelo múltiplo, a troca e variedade dos gozos; é uma vida dividida em si mesma, porque a unidade do prazer é quimera e ilusão.

O estado estético é a forma de viver o instante⁶ que não se repete. Ele vive com intensidade o instante como um todo, em um átimo de tempo em perpétuo desvanecer. Mas não se pode compreender como um todo, porque o eterno é adquirido como instante. Justamente, o esteta tem abstração do eterno, porque sua vontade de viver no instante e no sensível é pecado e ilusão. Nesse estado vive, pois, do presente, em uma vida exteriorizada e sem profundidade, isto é, sem relação com a eternidade.

O esteta pode entregar-se aos prazeres dos sentidos, não somente absorvido por eles, senão mediante a imaginação estética em um refinamento extremo, ou seja, não só no gozo dos objetos reais da vida, senão na representação poética deles. De um segundo modo, a realidade toma a forma de concepção poética como é narrado por Victor Eremita⁷ na publicação da *Ou bien... Ou bien*, mais precisamente, na novela *Diário do Sedutor*:

O tom poético era o excedente fornecido por ele próprio. Esse excedente era a poesia cujo gozo ele ia colher na situação poética da realidade e que retomava sob a forma de reflexão poética. Era este o seu segundo prazer e o prazer constituía a finalidade de toda sua vida.

⁶“Tudo quanto é bom acontece sem demora, pois a instantaneidade é a mais divina de todas as categorias” (*Post Scriptum*, 1977, p. 218). Já que “o instante designa o presente tal qual, sem passado nem futuro; e é nisso que consiste a imperfeição da existência sensível” (*Post Scriptum*, 1977, p. 216). O instante é “uma coleção de *kairos* precioso, os instantes rompem com a cotidianidade banal, o tempo se limita a uma sucessão de episódios interessantes sem adquirir a consistência de uma temporalidade ética e espiritual” (POLITIS, Hélène, *Le vocabulaire de Kierkegaard*, Paris: Ed. Ellipses, 2002.p.32). Esse termo se refere tanto a imanência hegeliana como aos cristãos de sua época.

⁷Victor Eremita ou Hermitão vitorioso (1843) é editor de *Ou Bien... Ou Bien* e terceiro orador no Banquete *In Vino Veritas*.



Primero gozava pessoalmente a estética, após o que gozava esteticamente a sua personalidade. Gozava, pois, egoisticamente, ele próprio, o que a realidade; no segundo caso a sua personalidade deixava de agir, e gozava a situação, e ela própria na situação.⁸

É por essa via que Kierkegaard introduz em suas obras estéticas, sobretudo nos ensaios da *Ou bien... Ou bien*, numerosas personificações e tipos, já exaltados pelo romantismo, para descrever os diversos modos da vida estética. Porque nada impede ao homem estético elevar-se acima dos prazeres sensuais, para gozar neles de uma maneira mais refinada mediante a arte. Cada estádio inclui muitos subestádios, inumeráveis situações e fenômenos, representados pelos distintos personagens românticos. Dentre eles, escolheu três figuras fascinantes da literatura como que formando três graus de sensibilidade estética: Don Juan, Fausto e Ahseverus, o Judeu Errante⁹. Essas personagens são as grandes ideias ou encarnações da vida fora do religioso em suas três direções. A direção de Don Juan é a da sensualidade imediata; a de Fausto é a da dúvida e a de Ahseverus, o desespero.

Na figura de Don Juan, “A”¹⁰ não intenta glorificar a sensualidade desenfreada. Conhecia e admirava este protótipo clássico através da criação musical de Mozart¹¹. A ele dedicou *o erotismo musical*, que é um dos melhores exemplos de crítica musical. Em Don Juan, de Mozart, viu a expressão suprema do ideal estético com toda sua força e debilidade.

⁸ KIERKERGAARD, Sören. *Le Journal du Séducteur*. In: *Ou bien...Ou Bien*. Trad. F. O. Prior et M. H. Guignot. Paris: Gallimard, « Tel », 2013.p. 238.

⁹ Conforme dissemos dentro de cada estádio, possui subestádios. Don Juan estaria na esfera superior dos três estádios eróticos imediatos, que nada mais é que um subestádio na esfera estética. São eles: 1) Cherubino, o Pajem nas *Bordas de Fígaro*, que representa a expressão do desejo sonhador,2) O Papageno da *Flauta Mágica*, que representa o desejo inquisitivo e 3) Don Juan, que representa o desejo amante. Cf. KIERKERGAARD, Sören. *Les étapes érotique spontanées ou L'Erotisme musical*. In: *Ou bien...Ou Bien*. Trad. F. O. Prior et M. H. Guignot. Paris: Gallimard, « Tel », 2013.pp. 61-82. Para uma exposição mais aprofundada desses três personagens ver: GRAMMONT, Guiomar de. *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras, 2003.

¹⁰ “A” (1834/1843) é um poeta que vive no estádio estético. Ele não tem uma personalidade desenvolvida, fundamentada, por isso não recebe um nome real, mas apenas a designação “A” que pode significar ‘aisthesis (sensibilidade)’, mas que se opõe a ‘B’ (1836), um Juiz e homem de família, no livro que é autor da segunda metade. Cf. GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão Pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard*. Apêndice 2. São Paulo: Novo Século. 2000 e GRAMMONT, Guiomar de. *Comunicação indireta, ironia e tipologia do estádio estético. Figuras Estéticas de Kierkegaard*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG 1998 (Dissertação, Mestrado em Filosofia).

¹¹ KIERKERGAARD, Sören. *Les étapes érotique spontanées ou L'Erotisme musical*. In: *Ou bien...Ou Bien*. Trad. F. O. Prior et M. H. Guignot. Paris: Gallimard, « Tel », 2013.pp.39-105

Kierkegaard acrescenta junto a Don Juan a figura de Johannes o Sedutor¹², protagonista de *Diário do Sedutor*, que seduz a jovem Cordélia e a abandona depois do triunfo. O personagem, antes de ser um eco longínquo da *vita ante acta* ou da juventude de Kierkegaard, representa melhor o tipo de sedutor espontâneo e a figura de Fausto, que seduz com a influência demoníaca de Mefistófeles e a reflexão de seu cérebro. Considera Fausto como um renascimento de Don Juan, uma segunda fase da dialética estética, que apareceu depois deste na Idade Média, em um momento em que a reflexão começou a suplantar a perseguição direta do prazer e é símbolo do homem ocidental, que cai sem direção depois de ter-se rebelado contra a Igreja Católica. Fausto representa também a influência da dúvida no homem.

A crítica da existência estética, como modo de viver em si, é dita com dureza, não obstante aos altos valores reconhecidos, as criações poéticas da sensibilidade humana. Realiza-se, sobretudo, no ensaio *A repetição*¹³ na figura do Judeu Errante, que simboliza o desespero¹⁴ e do mesmo modo começa a segunda parte de *Ou bien... Ou bien*. O homem estético, mesmo com sua força de correr atrás das diversões e prazeres, dar-se conta ao final da fugacidade dos gozos sensíveis, de que não lhe dão uma direção firme a sua vida.

Kierkegaard descreve vivamente o tédio e aborrecimento que experimenta o homem que recorreu à rotação de cultivos, isto é, todas as formas de gozos da vida. Não obstante as aparências, o romântico é um desgraçado, buscando o prazer não encontra senão a dor. Não pode subtrair-se a lei do prazer, permanece fatalmente no imediato, no fugaz e no momento.

¹² É personagem (1843) de *Diário do Sedutor* em *Ou Bien... Ou Bien*. Quinto orador no *Banquete de In Vino Veritas* em *Estações na Estrada da vida* (1945). É possível entender Johannes o Sedutor como uma criação ou pseudônimo de "A". Cf. GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão Pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard*. Apêndice 2. São Paulo: Novo Século, 2000.

¹³ KIERKERGAARD, Sören. *Oeuvres complètes: Sören Kierkegaard en 20 volumes: Tome V, La Répétition*; trad. de Paul-Henri Tisseau et Else-Marie Jacquet-Tisseau. Paris: De L'Orante, 1966.

¹⁴ O desespero é "a doença e não o remédio. É essa sua dialética. Tal como na terminologia cristã, a morte exprime miséria espiritual, se bem que o remédio seja precisamente morrer, morrer para o mundo (...) E essa miséria é a doença mortal" (KIERKERGAARD, Sören. *O desespero humano*. In: *Os Pensadores*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro 1973. São Paulo: Editora Abril. p. 332).

Ante o aborrecimento, o hedonista cai no desespero. Na profundidade do homem estético ronda o desespero. Ahseverus, o Judeu Errante, ante a exaltação do erótico e a intensidade continuada da dúvida, se encontrou no desespero com última palavra da existência estética. Na obra posterior *A doença para morte (O desespero Humano)*, Anti-Climacus¹⁵, descreverá as diversas formas de desespero que seguirão inclusas no homem cristão em seu salto de fé. Mas há um desespero débil, próprio do homem que se ignora. Ele é inconsciente de seu destino espiritual e de sua parte eterna. Tem uma ignorância desesperada. Esse é o estado daqueles que se entregam a sensualidade, que não conhecem senão as categorias do agradável e do desagradável, sem cuidado algum do espírito, da verdade e do bem.¹⁶ O esteta é vítima do desespero¹⁷ sem nunca o haver escolhido.

É pelo desespero que o estádio estético declara seu fracasso. Todos os que vivem sobre esse plano são desesperados. O esteta dar-se conta desse profundo desespero. Pois o que na verdade se desespera, não é só do ponto de vista do mundano, mas a quebra do círculo infinito e o despertar da consciência de seu valor eterno.

Assim, de um golpe se liberta do desespero, porque elege o que na verdade se escolhe: sua própria pessoa em seu valor eterno. Isto só se pode fazer livremente para uma existência maior em plenitude. É o salto ao estádio ético.

1.2 O estádio ético

A concepção ética da vida que é exposta e defendida, frente à vida estética, pelo Juiz Guilherme, na segunda parte dos *Estádios no caminho da vida*¹⁸ e em toda se-

¹⁵ É um tardio personagem-autor que representa a “Religiosidade B”, o Cristianismo. É um cristão por excelência e autêntico que redige discursos edificantes, sem *aufhebung*, e ergue o desafio de mostrar que o exemplar não é de maneira alguma é insípido.

¹⁶ KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. In: *Os Pensadores*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro 1973. São Paulo: Editora Abril, p.73.

¹⁷ O ser desesperado, para se curar, deve seguir a figura do homem posto novamente de pé, despertado do sono dos mortos, é, desde o começo da doença mortal, Lázaro ao qual Cristo, “a ressurreição e a vida” (cf. Jo 11,25), ordena que saia do sepulcro. Para o cristianismo, que é a proclamação da vida eterna, a vida do espírito, o túmulo tem que permanecer vazio. Cf. FRANCE, Farago. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Editora Vozes. 2006, p. 93.

¹⁸ Livro editado em 1845 por Hilarius Bogbinder e assinado por três pseudônimos-autores: William Afham (*In Vino Veritas*), Um esposo (*Palavras sobre o matrimônio em resposta a certas objeções*) e Frater Taciturnus (*Culpado? Não culpado?*).

gunda parte de *Ou bien...* *Ou bien* contrapõe o estágio estético e o estágio ético, supõe um desespero verdadeiro, o salto que introduz a vida ética.

O estágio ético é um modo de vida essencialmente novo. É diferente do estético, que perseguia as sensações e só buscava o gozo nelas. O homem ético, por sua vez, é o que põe a moral como primeiro princípio e fim de sua conduta e atividade. Propõe-se, ante tudo, a obedecer ao dever. A reflexão de Guilherme se centra na categoria de *eleger a si mesmo*. O Indivíduo ético tenderá a fazer uma eleição absoluta encarnando o imperativo incondicional e prático do dever. O eu que faz uma eleição absoluta significa a intensidade subjetiva e o carácter incondicional da eleição moral, que elege e realiza a natureza ideal do Indivíduo humano, para aperfeiçoar sua natureza de acordo com a lei moral. Na linha luterana, Sören não se interessa pelos deveres éticos concretos, mesmo que não os negue. O essencial não é contar os deveres com os dedos, senão ter experimentado a intensidade do dever, de obedecer ao absoluto do dever, que desvia do dever pessoal e próprio de cada um.

O matrimônio é a situação mais própria do estágio ético. Kierkegaard pensa no matrimônio como elemento essencial da existência ética, que a transforma em uma esfera independente e que se basta a si mesma. “O matrimônio é o esplendido ponto focal da vida e da existência”¹⁹. Considera, assim, o estado matrimonial como a realização concreta do ideal ético e como a única condição humana dentro da qual as exigências estéticas legítimas podem ser satisfeitas e levadas a sua plenitude. Porque o lado estético da natureza humana é indestrutível e há de ser incorporado a concepção ética, reinstaurando os direitos da beleza e do gozo, sentido uma vez que se renunciou a autonomia da vida estética como um absoluto:

Ao casar-se, aquele que vive eticamente realiza o geral. Eis aqui porque não odiará o concreto, pois possui uma expressão a mais, e mais profunda que toda expressão estética, pois vê no amor uma manifestação do que é comum ao gênero humano. Aquele que vive eticamente tem a si mesmo como tarefa. Seu eu, enquanto imediato,

¹⁹ KIERKERGAARD, Sören. *Stadi sul cammino della vita*. Trad. Ludovica Kock. Milão: Rizzoli. 2006, p.119.

está determinado fortuitamente e a tarefa consiste em coordenar o fortuito com o geral²⁰.

Por isso, Guilherme sustem a validade estética do matrimônio, demonstrando que tudo que há de formoso e humano na concepção erótico-pagã e no amor romântico, cai incorporado na instituição do matrimônio cristão. O amor sensual cai ante a censura ética por seu egoísmo e isto se deve ao apego da alma romântica ao limite extremo do prazer, excluindo Deus e a lei universal. O vínculo matrimonial é um signo de que a vontade ética pode dominar o desequilíbrio da vida estética e dar-lhe a estabilidade de uma realidade segura e uma existência harmoniosa.

O estádio ético é instalado na categoria do geral. Trata-se de fazer o que todo mundo faz, ao menos o que todo mundo pode fazer. Quando o homem ético tem cumprido seus deveres e realizou suas tarefas, então o Indivíduo se traduz no geral, que chegou a ser o homem geral. Assim se realiza a unidade moral dos Indivíduos, os quais são diferentes uns dos outros, mas estão submetidos aos mesmos deveres. Assim, se se compreende ética social, a conformidade perfeita as leis que regem os costumes que podem parecer como um princípio constante de conduta e da vida em comunidade. O matrimônio deve-se, então considerar como o meio mais favorável da moralidade²¹.

Surgem, aqui, algumas deficiências. A moral dá certamente a solução aos problemas ordinários da vida, isto é, ao que se define como geral. Por isso, esquece o homem que é e dever ser um Indivíduo submetido a deveres pessoais e revestido de uma responsabilidade própria. A ética, sendo lei do geral, favorece a tendência que há em cada um a tendência de perder-se na massa no *si* impessoal. Kierkegaard por diversas vezes sustentou que não há nada de moral na multidão e na quantidade. Por isso mesmo, a ética se faz incapaz de solucionar os casos que implicam o excepcional, pois não resolve os problemas individuais, mais que as vias comuns.

²⁰ KIERKERGAARD, Sören. *La légimité ethétique du Mariage*. In: *Ou bien...Ou Bien*. Trad. F. O. Prior et M. H. Guignot. Paris: Gallimard, « Tel », 2013.pp.39-105.

²¹ Ver: Cf. CLAIR, Andre. *Le pensée de Kierkegaard: L'articulation entre nome et decision*. In: Kairos nº 10.Press Universitaires du Mirail,1997; Cf. POLITIS, Hélène, *Le vocabulaire de Kierkegaard*, Paris:Ed. Ellipses, 2002.p.18-19.

Daí que a ética, abraçada e seguida com aparente firmeza do dever, pode chegar a ser grande tentação, como caso de Abraão. “A ética é a tentação, foi colocada a relação com Deus, a imanência do desespero ético foi rompida, o salto foi realizado”²².

Em Ou bien... Ou bien, o estágio ético termina com categoria do arrependimento²³, por ela se realizar a eleição livre e o salto qualitativo ao estágio religioso. A ética, que se mantém no plano geral, torna-se contraditória e não podem ser senão um estágio de transição. Sua mais alta expressão é o arrependimento que acompanha o sentimento de culpa, e por isso mesmo, é a condição que permite ao Indivíduo eleger-se a si mesmo:

Arrependimento é a livre aceitação de nosso próprio passado pecaminoso em sua totalidade, levando a uma afirmação de nossa própria culpa é o pressuposto para a erupção do modo de vida ético e o germe para sua destruição.²⁴

O arrependimento implica a afirmação de si, enquanto responsável por seu ato. É negação de si enquanto portador da culpa (culpável). Desta forma, eu não adquire e reforço o sentimento de minha personalidade, senão pelo preço da negação de mim. A Ética desemborça em um forte impacto, pois é encerrada no geral, não deixa lugar à exceção religiosa e obriga ao herói religioso a se considerar como um anormal. Porque havendo descoberto o pecado através do arrependimento, é impotente a respeito da realidade do mesmo sem passar ao religioso, já que a categoria do pecado²⁵ ultrapassa o domínio da ética.

²² KIERKEGAARD, Sören. *Post-scriptum aux Miettes philosophiques et Le Concept d'angoisse*, Paris, Gallimard, « Tel », 1977, p.300.

²³ O arrependimento é nada mais que uma categoria anti-hegeliana, que se opõe à mediação.

²⁴ GOUVÊIA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio*. São Paulo: Custom/alfarrábio. 2002. p. 261.

²⁵ Virgílio Haufniensis, em *O Conceito de Angústia*, diz: “por tanto, o pecado somente pertence à ética enquanto esta chega a seu conceito com a ajuda do arrependimento. A idealidade da ética desapareceria enquanto está tivera que assumir o pecado em seu seio”. (KIERKEGAARD. Sören. *O conceito de Angústia*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus. 1968. p. 51-52).

1.3 O estádio religioso

De uma maneira especial, Kierkegaard, quer introduzir em meio à crítica das falhas éticas algo que obrigue a ultrapassar os limites do ponto de vista ético e dar um salto de eleição mais autêntica rumo ao viver religioso²⁶.

Essa crítica recai sobre as mencionadas exceções que as categorias éticas não podem resolver. Na *Repetição* faz alusão a alguns casos: O carácter irreduzível da exceção religiosa é ilustrado pela história de Jó e dos amigos que vão consola-lo. Jó trata de abrir caminho rompendo as estreitas categorias éticas e indica que a existência tem outros aspectos e outras leis²⁷.

Mas o protótipo da exceção e do escândalo para a mente ética é o caso de Abraão que recebe de Deus a ordem de sacrificar Isaac, seu único filho. Sobre essa figura bíblica, o filósofo dinamarquês, refletiu profundamente e dedicou a obra *Temor e Tremor*. É uma meditação nitidamente filo-religioso-existencial, já que, Johannes de Silentio²⁸, sempre repete que Deus cerca o homem com temor e tremor.

Abraão recebe a ordem divina de sacrificar seu filho. Do ponto de vista ético, Abraão se situa diante do absurdo e do monstruoso. Existe algum meio de resolver uma situação tão dramática? A ética condenaria tanto o mandato divino, declarando-o impossível e irreal, como a obediência do *Pai dos Crentes*. Este, sem perguntas, obedece e se submete a prova divina não tendo a tentação de considerar seu ato como uma violação da lei moral e de seus sentimentos paternais. Deve levar seu segredo só. Em seu caminho com Deus, só sustem Abraão sua fé absoluta em Deus e em suas promessas: “Abraão acreditou sem jamais duvidar”²⁹. Esta fé é a que o conduz como Indivíduo isolado mais além dos limites de uma moral geral. O resultado é que uma ação, aparen-

²⁶ “Crer é saltar para o absurdo. Para penetrar na esfera do paradoxo, do inverossímil, onde Deus está presente, há de se converter, isto é, separar-se da oferta da razão” (ALMEIDA E SOUSA, Antonio. *Kierkegaard e o Cristianismo*. In: *Revista Tempus* nº 13 v. 2. Algave (Portugal): Ed. Citras. 1981.p. 43).

²⁷ Cf. POLITIS, Hélène. *Kierkegaard*. Paris: Ed. Ellipses, 2002.pp. 23-30.

²⁸ Johannes de Silentio (1843) é o heterônimo responsável por *Temor e Tremor* (1843). Homem de idade avançada, que se interessou pelas diversas filosofias da sua época e que percebe que foi iludido. Sua leitura e reflexões sobre a bíblia o levaram a compreender a profundidade da fé. Vive o estádio ético-religioso A, do antigo testamento. Não é um cristão, nem um crente, mas um admirador da fé.

²⁹ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1979, p.120.

temente criminal, se converte em ação santa e agradável a Deus. Ao dar a Deus tudo o que tem, o recebe tudo de novo em dobro:

É meu propósito agora extrair da sua história (de Abraão), sob a forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão³⁰.

Tal é o paradoxo da fé e o paradigma do salto ou passagem da esfera ética à religiosa.

2 A Suspensão Ética

As consequências da história de Abraão se dar em três perguntas: 1) Existe uma suspensão teleológica do ético? 2) Existe um dever absoluto para com Deus? 3) É possível defender Abraão por seu silêncio ante Sara, Eleazar e Isaac. Das três perguntas será analisada a primeira, pois é a partir dela que as outras têm seus desdobramentos e soluções, embora que implicitamente.

A suspensão tira o homem do âmbito do ético, obrigando-lhe a uma forma de obediência que é, eticamente, pecado. Mas a voz do dever ético é, na esfera religiosa, tentação. Ambos campos, portanto, se contradizem. A contradição ética, que apresenta o dever religioso como tentação, causa a possibilidade do pecado religioso ou teológico. A conclusão que podemos tirar é: Se se dá a suspensão do ético como transmissão a uma esfera superior em que se suprime as categorias éticas do pecado, então, a verdadeira essência deste terá que busca-la na esfera superior. Por outra parte, a antítese do pecado não é a virtude, mas a fé. Desta forma, temos que afirmar que a fé é a razão e fundamento da suspensão do ético. Vemos que o tema da suspensão nos introduz a uma existência da fé. A suspensão do ético é o juízo, tanto da existência religiosa no *não-ser* do pecado, como da existência religiosa no ser da fé. Ambas coexistem na suspensão.

³⁰ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.338.

Mas em que sentido obriga a ética ao homem? Aqui, os conceitos de Indivíduo e Sociedade, em sua mútua dependência, constituem uma dificuldade. Com efeito, a ética obriga ao Indivíduo em quanto enquadrado dentro da Sociedade. O dever ético é o geral, o que obriga a generalidade, por tanto, também ao Indivíduo como membro da generalidade; então não o obriga ao dever ético. O dever ético obriga ao Indivíduo somente quando este coincida com o geral.

Como é sabido, toda ética se baseia no princípio de que o Indivíduo está dentro do âmbito da sociedade, ou seja, do geral. A ética estabelece normas gerais respectivas à comunidade dos Indivíduos. O Indivíduo, dentro da comunidade, pode dispor livremente de sua pessoa, mas só no tanto que não extrapole a estrutura geral da sociedade, o Indivíduo pode eleger seu posto, mas este posto tende em atenção à norma geral. Se bem que, o ético, ao conformar suas ações com a norma geral, nem por isso quer perder sua liberdade pessoal, a integridade fechada em seu eu - o qual se mostra na liberdade de suas determinações -, contudo se dá em simultaneamente a vontade de configurar com o geral, tal qual a sociedade o quer configurar; de sorte que sua tarefa ética consiste precisamente de sua individualidade para fazer-se generalidade, sua tarefa consiste em converter-se no Indivíduo geral, normal. A sociedade quer homens normais. Só quando o Indivíduo é, neste sentido, normal, só então é possível realizar o ético. O ético é o normal. O objetivo final do ético é ser "homem pragmático", homem social³¹.

Até aqui não há dificuldade. A dificuldade surge quando o Indivíduo quer manter sua individualidade frente à generalidade. Ou seja, quando em vez e integrar-se na comunidade, se extrapõe a ela saindo-se fora do ético. Em uma palavra, quando se constitui a exceção. Este é o problema apresentando por Johannes do Silentio junto ao conceito de suspensão ética.

Este tema é tratado em *Temor e Tremor*, em *A Repetição e Migalhas filosóficas*. No escritor dinamarquês, existe uma dialética como possibilidade de relação direta com Deus que se originam dos efeitos: A extraposição do Indivíduo a toda categoria

³¹ Ver: GRAMMONT. Guiomar de. Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras. 2003, pp.91-93.

ética e, como consequência, a verificação da existência em um estado de exceção, cuja característica é a fé no absurdo em meio a incerteza e da angústia. “Uma promessa de matrimônio é um voto e retirar a promessa de matrimônio é violar o voto”³². Este é o princípio ético de que parte o nosso escritor. Assim, se situa no pleno rigorismo ético. Seu exemplar bíblico é a figura de Abraão.

Abraão é membro da comunidade humana, como Indivíduo normal dentro da generalidade, está obrigado a cumprir os deveres éticos e sociais igual a qualquer outro Indivíduo. Seu primeiro dever ético é amar seu próximo e antes de tudo os seus mais próximos. Abraão está, portanto, obrigado a amar Isaac.

A relação de Abraão com Isaac é expressa em termos éticos: “um pai está obrigado a amar seu filho mais que a si mesmo. Contudo, o ético admite em seu âmbito diversos graus”³³. Suposto este princípio ético, investiga ante tudo, se na história de Abraão é concebível uma expressão superior do ético, de modo que sua conduta seja justificável eticamente, isto é, se a obrigação de amar seu filho pode cair suspensa eticamente em virtude de outro dever ético superior, sem sair fora da categoria do ético. Se se ocorrer dessa forma, logo não haveria lugar para falar de uma suspensão teleológica do ético. Trata-se, pois, de estabelecer os limites do ético em sua obrigatoriedade a respeito do Indivíduo.

Johannes de Silentio estabelece uma comparação entre Abraão e diversas figuras de heróis trágicos: Jefté, Agamênnon e Bruto³⁴. Depois de analisar as ações he-

³² KIERKERGAARD, Sören. *La légimité ethetique du Mariage*. In: *Ou bien...Ou Bien*. Trad. F. O. Prior et M. H. Guignot. Paris: Gallimard, « Tel », 2013. p.224

³³ KIERKERGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.124.

³⁴ Está nota será extensa, mas não sem fundamento. Ela tem como função fazer com que o leitor perceba porque Kierkegaard privilegia Abraão em detrimento dos outros três: A) **Jefté (תהיפ)**, que significa Deus abre aparece no Livro dos Juízes 2, 30-40: A sua vida não passa desapercibida na Bíblia pelas suas virtudes, conquistas ou qualquer característica louvável de sua personalidade, mas por causa de suas ações inconsequentes, insensatas, irresponsáveis – fruto de uma personalidade descompensada, desequilibrada. Estou me referindo a Jefté, um dos juízes do povo de Israel. Em determinado momento faz uma promessa que se Deus lhe desse a vitória sob os amonitas, queimaria em sacrifício aquele que saísse primeiro da casa para o felicitar quando ele voltasse da guerra. Jefté era casado e só tinha uma filha a quem muito queria bem e foi exatamente essa filha quem saiu primeiro ao seu encontro. Logo que ele a viu, rasgou as suas vestes, e disse: Ai de mim, filha minha! muito me abateste; és tu a causa da minha desgraça! pois eu fiz, um voto ao Senhor, e não posso voltar atrás. (Juízes11, 36) Ela lhe respondeu: Meu pai, se fizestes um voto ao Senhor, faze de mim conforme o teu voto, pois o Senhor te vingou dos teus inimigos, os filhos de Amom; B) **Agamémnon (Αγαμέμνων)**, muito resoluto. “Quando segundo o ajuntamento de

roicas destes e compara-las com a conduta de Abraão, desenvolve a seguinte conclusão:

A diferença que separa o herói trágico e Abraão salta aos olhos. O primeiro continua ainda na esfera moral. Para ele toda a expressão da moralidade tem seu *telos* numa expressão superior da moral; limita essa relação entre pai e filho, ou filha e pai a um sentimento cuja dialética se refere à ideia de moralidade. Por conseguinte, não se trata aqui de uma suspensão teleológica da moralidade em si própria. Muito diferente é o caso de Abraão. Por meio do seu ato ultrapassou todo o estado moral; tem para além disso um *telos* perante o qual suspende esse estádio. Porque eu gostaria de saber como se pode reconduzir a sua ação ao geral, e se é possível descobrir, entre a conduta dele e o geral, uma outra relação além da de o ter ultrapassado. Não age para salvar um povo, nem para defender a ideia do Estado, nem sequer para apaziguar os deuses irritados. Se pudéssemos evocar a ira da divindade, essa cólera teria unicamente por objeto Abraão, cuja conduta é assunto estritamente privado, estranho ao geral. Assim, enquanto o herói é grande pela sua virtude moral, Abraão é-o por uma virtude estritamente pessoal. Na sua vida, o moral não encontra mais alta expressão que esta: o pai deve amar o filho. De nenhum modo se pode considerar o morar no sentido virtuoso. Se a conduta de Abraão tivesse, de

Áulis, Agamêmnon, no decorrer de uma caçada abatera uma corça com presunção se gabara de quem nem Ártemis teria feito melhor disparo. A deusa irritou-se e impedia a partida para Tróia, lançando tempestades sobre o mar. Calcas anuncia, então, a cólera da deusa e reclama com Aquiles. O sacrifício prepara-se, mas, no ato de sua realização, a deusa substitui aquela, no altar por uma corsa, transportando-a ao país dos Taurus, e fá-la mortal” (PAIS DE ALMEIDA, C.A., *Ifigênia em Áulide*. In: Eurípedes. Coimbra: Instituto de Alta Cultura, 1974. p. 18.) Na interpretação do mito Ifigênia se tem dois momentos: a) Ifigênia em Áulis, Áulis era uma cidade portuária da Beia, separada da cidade de Cálcis, na Euzébia, pelo estreito de Euripo, que é que nos interessa por ser um momento trágico em que existem uma decisão ética e religiosa a ser tomada por parte de Agamemnon e b) Efigênia em Tauris que faz referência à atuação de Efigênia como sacerdotisa no Santuário e Brauron, na qual a decisão ética e religiosa, não mais existe por parte de Agamêmnon. Ver: ROMILLY, J. *La modernité d’Euripède*. Paris: PUF. 1986; **C) Lucius Iunior Brutus**, foi um dos primeiros cônsules de Roma em 509 a.C. Com é conhecido a todos. Nesse ano, representantes da família real chegaram a Roma com o objetivo de persuadir o senado a devolver os bens que tinham sido apreendidos durante o golpe. Enquanto o senado romano debatia sobre o pedido feito, os embaixadores, secretamente, procuraram partidários da monarquia para formar uma conspiração com vista a readmitir a família real na cidade. Assim, dois dos irmãos da mulher de Bruto, do *gens Vitelii*, ambos os quais senadores, lideraram a conspiração, juntamente com três irmãos da *gens Aquilii*, e outros líderes. Também, dois dos filhos de Bruto, Titus Iunior Brutus e Tiberius Iunior Brutus, fizeram parte da conspiração. Um escravo da *gens Vitelii*, que tinha testemunhado uma reunião dos conspiradores que estava a decorrer na casa do seu mestre, alertou os cônsules que imediatamente apreenderam os embaixadores e conspiradores sem grande alvoroço. Os embaixadores da família real tinham persuadido os conspiradores a confirmar a sua dedicação à causa monárquica na escrita, por isso a culpa dos conspiradores não estava em causa. Os embaixadores foram libertados por respeito à lei das nações. Porém, os traidores foram condenados à morte, incluindo os filhos de Brutus. Todos os cônsules apresentaram-se no tribunal para testemunhar a execução. Os lictores foram encarregados de realizar o castigo. Os traidores foram despidos, espancados com varas e só então decapitados. Brutus, ao que se diz, teria se entregado à emoção enquanto assistia a punição dos seus filhos. Ao escravo, que revelara a conspiração, foi-lhe concedido a sua liberdade e o estatuto como um cidadão romano, e foi-lhe também apresentado uma quantia de dinheiro. (Cf. LIVIO, T., *Histoire Romaine*. Trad. de G. Baillet; P. François e outros. Paris: Belles Lettres. 2002, p. 23).

algum modo, participado do geral, estaria contido em Isaac e, por assim dizer, escondido em seus flancos, e teria então gritado pela sua boca: Não facas isso, aniquilas tudo”³⁵.

Este é o estado da questão no limite da ética. A conduta de Abraão não se pode justificar eticamente. Qual é, pois, o que move a ação de Abraão? “Por amor de Deus, como de maneira absolutamente idêntica, por amor a si mesmo. Por amor de Deus porque este exige essa prova de fé. A vontade de Deus e junto com ela, sua própria vontade. A vontade de Deus, pois exige essa prova”³⁶. Logo, “é necessária uma categoria nova para compreender Abraão”³⁷. Esta categoria é a relação privada do homem com Deus em virtude da fé. Tal reação desconhecer o paganismo; o herói trágico não entra em relação privada com a divindade, senão que o ético é divino e por isso no paganismo o paradoxo se harmoniza com a norma geral. Por tanto, julgando a conduta de Abraão como critério ético, não cabe dizer outra coisa senão que seu propósito era assinar Isaac; mas julgado como critério religioso, a luz da nova categoria, temos de confessar que seu propósito era sacrificar Isaac.

A nova categoria no paradoxo da fé é a única que preserva Abraão de aparecer ante a história como um assassino, convertendo-o em pai de todos os crentes³⁸. Por isso sua vida, “não é mais paradoxal que se possa pensar, mas de tal maneira paradoxal que resulta absolutamente impossível ser pensada. Move-se em relação ao absurdo; porque o absurdo consiste em que o Indivíduo é superior ao geral”³⁹. Logo, a história de Abraão contem uma suspensão teleológica do ético.

O princípio em que se funda a possibilidade de tal suspensão é: que o Indivíduo é superior ao geral. E que há que admitir uma relação direta e pessoal do homem

³⁵ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.244.

³⁶ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.245.

³⁷ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.245.

³⁸ “Fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior), e sempre e de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem, depois de ter estado como tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto” (KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.242)

³⁹ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.242.

com Deus em virtude da fé, ou o que é igual: que o Indivíduo, como Indivíduo, está em relação absoluta com o absoluto. O que nos leva a perguntar se há uma vigência absoluta da ética?

3 Há uma vigência absoluta da ética?

O paradoxo da suspensão consiste precisamente em que a norma geral segue vigente e obrigando o Indivíduo; por isso se trata de uma verdadeira exceção. Deus justificando a exceção não significa que estabeleça uma nova norma, senão que a exceção se funda em outra exceção maior. Deus é a suprema exceção, por sua essência se revela precisamente em que é absolutamente distinta da de todos os homens, de forma que quando trabalha através dos homens e incluso se faz homem. Ele estabelece a suprema lei moral da humanidade, tanto que o mesmo se subtrai a ela, exigindo do homem, quando e como lhe apraz, a transgressão dessa lei na obediência da fé. A voz de Deus segue o homem em seu interior, assim, tem toda ética contra si, como vemos em Abraão.

A ética o constrange e só Deus o pode justificar. O homem constituído na exceção não tem ante a ética justificação possível, pois a norma de sua obra é a exceção. É preciso crer em Deus e em sua justiça, sem esperar o menor indício de que é justificado perante Ele. A exceção põe o homem incondicionalmente nas mãos de Deus, sem uma correspondência divina que faça mais fácil essa entrega. Disso se deduz que a atitude do homem constitui na exceção não seja a do vão orgulho, senão o contrário: a humildade; pois o homem não pretende, senão, ser homem como os demais, cumprindo a lei moral no silêncio⁴⁰ e se abandona a norma da generalidade, cedendo à irresistível violência divina, anelando, não obstante, voltar à pacífica seguridade, ao amparo da norma da geral.

O retorno da paz interior marca o momento em que se volta a restabelecer o antigo estado das coisas. Mas isso não sucede, a vigência da ética se mostra na presença da tentação. A ética tenta o homem a não cumprir o dever a fim de não cair na

⁴⁰ "[...] o herói trágico não conhece a terrível responsabilidade da solidão." (KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.p.179)

culpa da transgressão. A voz do dever teológico é a tentação ante a consciência ética do Indivíduo; e a inversa, o dever ético é a tentação para consciência do dever teológico. Como pode saber então, o herói, se a tentação é uma tentação ou verdade? Nisso se mostra a pureza do herói, pois se exige dele o supremo grau de paixão e também o martírio, pois não se oculta que sua vida, para a maior parte dos homens, não tem sentido: Ética e religiosamente só se chega a ser herói tendo uma vida imensamente difícil e suportando-a com tensão na intimidade, ou seja, “a sua dor é sua segurança”⁴¹.

Conclusão

Chega-se, após as análises dos parágrafos anteriores, que não só a vigência da ética constitui a tragédia do cavaleiro da fé, senão na sua incapacidade interna de realizar o ditado da ética. Esta impotência do Indivíduo não se refere à imperfeição de seu desejo. A suspensão consiste em que o homem se encontra precisamente em um estado antitético ao que exige a ética, em que é impar com o ético, de sorte que, longe de poder começar, se vê progressivamente impedido. Aqui não se trata da relação de possibilidade e realidade, senão entre possibilidade e impossibilidade.

A suspensão se realiza de forma tão espantosa que, quanto maior é a instância da ética, maior se faz a imparidade do Indivíduo com tal instância, pois a tentação cresce progressivamente a interna convicção do dever contrário. Abraão não é impar com o ético, pois, pode o realizar não obstante a tentação. A imparidade surge tão pronta como empecilho, convertendo a tentação em dever ético. Se na história de Abraão o dever, para com Deus, é matar Isaac, o dever ético de não matar é a tentação que molesta o cavaleiro em sua imparidade. O homem, neste caso, está livre de realizar o que diz a ética, no mesmo sentido em que a Escritura diz que o crente está livre de cumprir a lei. Este é o efeito da imparidade. Quanto mais fundamentalmente cobra a consciência pela exigência ética, tanto mais clara se faz a consciência em sua liberdade. A espantosa liberação do exercício ético, a imparidade do Indivíduo para com o ético, esta suspensão do ético, é o pecado como estado do homem.

⁴¹ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.265.

O problema da suspensão nos remete ao tema do pecado. Como já foi dito, a suspensão do ético é a ratificação indireta de que a essência do pecado consiste em uma determinação de qualidade além da ética. Assim, o filósofo dinamarquês, define o pecado como estado do homem precisamente no estado de imparidade com o ético, no estado de suspensão. Logo, se o pecado é uma realidade no homem, o é mediante a suspensão e vice versa. Assim, demonstra-se novamente que a ética é impotente para convencer o homem de não pecar e se o pode convencer o acusa; não em virtude dela mesma, senão na virtude da relação absoluta com o absoluto, causa suspensão. Aqui há um grande paradoxo: o pecado se verifica na suspensão teleológica do ético, no mesmo estado que se verifica a fé.

Em *Temor e Tremor*, o conceito de pecado é abordado para esclarecer a suspensão ética de Abraão. Logo o pensamento de Johannes do Silentio é que o pecado se dá na suspensão ética, ali onde o homem encontrou-se a sós com Deus. O pecado, assim, é específico de uma determinada esfera da existência: a estritamente religiosa.

A suspensão se funda em que o Indivíduo, em quanto Indivíduo, está em uma relação absoluta com Deus. Este estágio escapa a toda mediação que se efetua sempre em virtude do geral e permanece eternamente paradoxo inacessível ao pensamento. Aqui aparece claramente a oposição a Hegel. Desta forma, em Hegel, a verdade deve ser buscada pelos homens a partir de si e dentro da história; em Johannes de Silentio, a busca da verdade é sempre voltada para Deus, a verdade é eterna, mas manifesta-se no tempo. Por isso, nenhum Indivíduo pode ter posse dela. O caso dos heróis trágicos é também contraposto ao caso de Abraão. No caso de Abraão cai excluída toda mediação em contraposição aos heróis. Pois “Abraão [...] não é em nenhum momento um herói trágico, senão outra coisa: um crente ou um assassino”⁴². Assim posso compreender o herói, mas não Abraão, ainda que admire este muito mais.

A impossibilidade de mediação no caso de Abraão se funda em uma impossibilidade de comunicação⁴³. Abraão não pode falar, para falar temos que nos ex-

⁴² KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1979, p.242.

⁴³ “A questão que o autor ressaltar como o motor necessário do sentimento de ‘temor e tremor’ é: como cantar o que foi destinado para o silêncio mas, mesmo assim, precisa ser compartilhado com outros

pressarmos em termos gerais, temos que reproduzir o geral, e se não é assim, não podemos entender. Mas, tão pronto como Abraão quer expressar os termos gerais e comuns, temos que dizer que se encontra em tentação, pois este é o único termo existente na linguagem do geral para expressar toda situação análoga aquela em que Abraão se encontra; ou seja, que só pode se expressar eticamente e a expressão ética é a palavra tentação. Entretanto, isto é falso, pois não se encontra realmente na tentação, senão no estado de suspensão ética. Se se chamasse tentação, ou não chegaria a sacrificar Isaac ou, se chegasse, não tomaria por outro caminho que o retornar ao geral, ou seja, ao arrependimento. Por tanto, falta-lhe todo termo para expressar seu estado de exceção, precisamente porque é estado de exceção. Confessar que se encontra em tentação implicaria prestar resistência ao dever absoluto que sobre ele pesa, no qual que seu pecado teria o mesmo valor absoluto que seu dever. Por isso, Abraão, crendo, guarda o silêncio. O paradoxo da fé carece de meios termos, da linguagem da generalidade, pois por uma parte é a expressão do supremo egoísmo (cumprir a própria vontade), e por outra a expressão da suprema entrega (cumprir a vontade de Deus). A fé “não pode entrar no geral pela mediação, porque dessa maneira a destruiria. A fé é esse paradoxo, e o Indivíduo não pode de forma alguma fazer-se compreender por ninguém”⁴⁴. Logo, o Indivíduo faz-se cavaleiro da fé abraçando o paradoxo ou nunca chega a sê-lo.

Referências

ALMEIDA E SOUSA, Antonio. *Kierkegaard e o Cristianismo*. In: *Revista Tempus* nº 13 v. 2. Algae (Portugal): Ed. Citras. 1981

CLAIR, Andre. *Le pensée de Kierkegaard: L'articulation entre nome et decision*. In: *Kairos* nº 10. Press Universitaires du Mirail, 1997

KIERKEGAARD. Sören. *O conceito de Angústia*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus. 1968.

KIERKEGAARD. Sören. *Post-scriptum aux Miettes philosophiques*, Paris, Gallimard, « Tel », 1977.

homens? Para Kierkegaard, a ironia foi a via encontrada para escapar ao dogmatismo inerente a todo discurso. A *palavra* é expressa por aquele que auto denomina de Silentio Como cantar o silêncio da lenta e dolorosa subida à Montanha Morija? Este é o problema de Johannes: como trazer para o discurso um sentido que o ultrapassa?” (GRAMMONT. Guiomar de. *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras, 2003.p.95)

⁴⁴ KIERKEGAARD. Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1979, p.256.

KIERKERGAARD, Sören. Oeuvres complètes: Sören Kierkegaard en 20 volumes: Tome V, *La Répétition*; trad. de Paul-Henri Tisseau et Else-Marie Jacquet-Tisseau. Paris: De L'Orante, 1966.

KIERKERGAARD, Sören. *Ou bien...Ou Bien*. Trad. F. O. Prior et M. H. Guignot. Paris: Gallimard, « Tel », 2013.

KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. In: *Os Pensadores*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro 1973. São Paulo: Editora Abril.

KIERKERGAARD, Sören. *Stadi sul cammino della vita*. Trad. Ludovica Kock. Milão: Rizzoli. 2006.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1979

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Trad. Ephraim F. Alves. Editora Vozes, Petrópolis, 2005. p. 93.

GOUVÊIA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio*. São Paulo: Custom/alfarrábio. 2002.

GOUVÊIA, Ricardo Quadros. *Paixão Pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard*. Apêndice 2. São Paulo: Novo Século. 2000.

GRAMMONT, Guiomar de. *Comunicação indireta, ironia e tipologia do estágio estético. Figuras Estéticas de Kierkegaard*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG 1998 (Dissertação, Mestrado em Filosofia).

GRAMMONT, Guiomar de. *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras, 2003.

LIVIO.T., *Histoire Romaine*. Trad. de G. Baillet; P. François e outros. Paris: Belles Lettres. 2002.

PAIS DE ALMEIDA, C.A., *Ifigênia em Aulide*. In: Eurípedes. Coimbra: Instituto de Alta Cultura, 1974.

PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e Comunidade na Filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009.

POLITIS, Héléne, *Kierkegaard*. Paris: Ed. Ellipses, 2002.

POLITIS, Héléne, *Le vocabulaire de Kierkegaard*, Paris: Ed. Ellipses, 2002.

ROMILLY.J. *La modernité d'Euripede*. Paris: PUF. 1986.